

# O QUE DIFERENCIA, DE FATO, UM GOLPE DE UMA REVOLUÇÃO?

Sérgio Rodrigues de Souza  
Pos-doctorando en Psicología Social - Universidad Kennedy - UK (AR)

## RESUMO

Este artigo aborda a questão que envolve a pergunta clássica: O que diferencia, de fato, um golpe de uma revolução? A relevância científica deste trabalho concentra-se em ampliar a discussão em torno dos conceitos de golpe e de revolução tendo como ponto de partida um olhar fundamentado na semântica e na hermenêutica. A relevância social está em que poderá levar à população um esclarecimento maior em torno da diferença real entre um e outro ato de caráter político. Tem como objetivo apresentar a conceptualização de cada termo e esclarecer a relação de valor entre um e outro. Trata-se de uma investigação bibliográfica, factual, analítica, filosófica, tendo como bases epistemológicas de fundamentação os estudos de autores clássicos. Assumi neste trabalho o enfoque materialista-dialético por compreender que é o método que melhor apresenta condições de revelar os aspectos internos e externo do objeto, suas causas e consequências com a realidade objetiva. Geralmente, a julgar pelos contextos, há evidência maior em destaque em torno de um ou outro termo, conduzindo o leitor menos preparado a realizar uma leitura direcionada aos interesses de grupos ideológicos.

**Palavras-chave:** Golpe – Revolução - Análise semântica.

## RESUMEN

Este artículo aborda la cuestión involucrando la pregunta clásica ¿lo que diferencia, de facto, un golpe de una revolución? La relevancia científica de este trabajo se concentra en ampliar la discusión en torno de los conceptos de golpe y de revolución desde una mirada semántica y hermenéutica. La relevancia social está en que podrá llevar a la población un esclarecimiento mayor en torno de la diferencia real entre uno y otro acto de carácter político. Tiene como objetivo presentar la conceptualización de cada término y esclarecer la relación de valor entre una y otra. Trata-se de una investigación bibliográfica, factual, analítica, filosófica, teniendo como bases epistemológicas de fundamentación los estudios de autores clásicos. Asumió en este trabajo el enfoque materialista-dialético por comprender que es el método que mejor presenta condiciones de revelar los aspectos internos y externos del objeto, sus causas y consecuencias con la realidad objetiva. Generalmente, a juzgar por los contextos hay evidencia mayor en destaque en torno de un u otro término, conduciendo el lector menos preparado a hacer una lectura direccionada a los intereses de grupos ideológicos.

**Palabras-clave:** Golpe – Revolución – Análisis semántica.

## INTRODUÇÃO

Existem questionamentos que são, aparentemente, simples, no entanto, despertam para que suas sutis relevâncias sejam estudadas com a finalidade de esclarecer seus significados e objetivos, isto correndo o risco de tal resposta ser maculada pela poderosa carga subjetiva que compõe os elementos a ser apresentados depois de uma meticolosa análise. Isto já deixa muito claro que nenhuma leitura poderá ser levada a efeito sem o suporte de ciências que cuidam de analisar de tais estudos sobre a mente de que os realiza e de quem os recebe.

Saber a diferença entre um conceito e outro é uma coisa que não desperta o interesse do cientista; porém, conhecer as preponderâncias filosóficas e ideológicas que compõem cada um destes espaços confere ao estudo verdadeiro valor capaz de agregar entendimento epistemológico a cada um deles.

Assim que, propõe-se a pergunta: Que interesse pode haver em saber qual o significado da palavra *golpe* e da palavra *revolução*? Se a interpretação se fundamenta somente no sentido semântico das palavras, se chega como a uma resposta a uma insanidade desmedida, a um vazio epistemológico sem nexos causal. No entanto, se toma como ponto de análise e de interpretação toda a conjuntura dos eventos que antecederam ao ataque e que sucederam a este, começa a ter em conta um vislumbre das motivações que conduziram até o levante e sua consolidação. Ainda não se faz possível lançar luz sobre o problema, porém, coloca sobre ele uma penumbra que possibilita ao estudioso ter em vista contornos dos elementos subjetivos que caracterizam a psicologia do objeto.

Seria interessante dizer que um golpe e uma revolução são elementos dotados de psicologia, não porque sejam organismos vivos, mas, a partir do momento que se estuda um determinado fenômeno e como este se comporta, dependendo do estado que encerra sobre si e ademais que envolve desejos muito sutis, muito reservados, guardados como parte de uma estratégia de guerra amplifica-se a circunspeção em torno de tais coisas imateriais tornando-se capazes de materializar-se de modo abstrato encontrando defensores ardentes para cada causa em particular.

Ao longo da história da humanidade muitas foram as revoluções que marcaram a vida das civilizações e todas trazem em si um mesmo elemento capaz de enquadrá-las em um único modo de interpretação hermenêutico. Cito aqui as revoluções em um campo político, área sobre a qual se desenvolve este trabalho. As mudanças nas áreas políticas, uma vez concluídos, tomaram-se o cuidado de apagar ou coibir a expressão de sentimentos que motivaram a tomada do poder. Ficou a cargo da história a responsabilidade por fragmentar os processos que antecederam ao assalto de forma que por mais que se tente organizá-los não são capazes de permitir uma construção unitária de pensamento coerente. A mesma coisa ocorre com os chamados *Golpes de Estado* em que somente um lado dos adversários possui a capacidade de expressar-se sobre o assunto.

## **CONCEITO DE GOLPE DE ESTADO**

Um golpe será eternamente um golpe, por mais que se busque alegrar com a conquista, a essência do elemento mantém em sua subjetividade toda uma estrutura de negação com os princípios morais de uma civilização e com isto se traduz o sentido subjetivo do que se esconde em suas entrelinhas hermenêuticas al mais que inclui trapaças, engodo, traição da fé pública, ausência de harmonia e sincronia com o objeto de amor e ódio que é a Pátria. Sobre ele não é possível construir nenhum romance porque falta-lhe a magia encantadora que possibilita e potencializa o ideário vinculado à imaginação social.

Segundo Gasparetto Júnior (2017, p.02) “*Golpes de Estado* são característicos de momentos em que grupos políticos de oposição extrapolam a legalidade e, por vezes, fazem uso da violência para derrubar um governo legítimo. Na história destes eventos é comum observar a ocorrência de sítios às sedes dos governos para expulsar os governantes, ocorrendo, às vezes, até execução de membros do governo deposto.”

Pode-se dizer que *Golpe de estado* denomina algo feio que fazem uns poucos para manter a ordem estabelecida (pode modo geral contra os revolucionários). Tem-se como leitura o caso de Augusto Pinochet (Chile), de Francisco Franco (Espanha).

Ademais, sempre ocorre de serem sanguinários, não como as revoluções, onde o único vermelho que aparece são as bandeiras que balançam.

*Golpe de Estado* é derrubar, de maneira ilegal, um governo, constitucionalmente, legítimo. Os golpes podem ser violentos ou não e podem corresponder aos interesses da maioria ou de uma minoria, apesar de este tipo de ações, normalmente, triunfam quando podem contar com o apoio popular. Pode, ainda, consistir, simplesmente, na aprovação por parte de um órgão de soberania de um diploma que revogue a constituição e que confira todos os poderes do Estado a uma só pessoa ou organização ou, também, um golpe militar, em que a unidade das forças armadas ou de um exército popular conquistam alguns lugares estratégicos do poder político para assim formar a rendição do governo. Para ser considerado *Golpe de Estado*, não necessariamente o governante que assume o poder por meio da força bruta tem de ser militar, apesar de que tão logo obtenha a coordenação geral da nação assuma esta postura, porque irá necessitar das forças policiais e das forças armadas para manter-se no poder, atos que tornam “normal que se ocorra juntamente com o golpe a suspensão do poder legislativo, a perseguição aos opositoristas, apoio de setores da sociedade civil, instauração de regimes de exceção e decretos de novos meios jurídicos” (GASPARETTO JÚNIOR, 2017, p.03).

Assim que, um golpe necessita de sucessivos golpes a fim de poder sustenta-se na estrutura social, na qual não pode confiar nem tecer cadeias de desenvolvimento político, uma vez que não conta porque do mesmo modo que o povo se uniu para derrubar o governo estabelecido podem fazer o mesmo contra eles caso no se sintam atendido em suas expectativas más intrínsecas ou caso os insurgentes não consigam cumprir com as promessas feitas.

Mesmo um golpe de estado carrega sobre si uma profunda exigência psicológica porque se considera que todos os elementos estejam vinculados a vicissitudes diretamente ligadas ao poder e que sem o domínio absoluto de tais circunstâncias as possibilidades de manter-se no poder vão diminuindo proporcionalmente com o passar dos anos e com o tempo, o que pode ser entendido como um paradoxo porque as condições de enfrentamento da população vai decaindo na mesma proporção provocando uma sucessão de golpes porque as disputas vão tornando-se

cada vez mais burocratizadas, tendo como substância um discurso em nome do povo.

## **CONCEITO DE REVOLUÇÃO**

A palavra revolução deriva do latim clássico *revolutio/revolvere*, que significa dar voltas, completar *voltas*, significando um retorno ao ponto inicial de movimento. O conceito de revolução somente começou a ser identificado como sinônimo de ruptura, de continuidade de transformações a partir da *Revolução Francesa* (1789). Em sentido popular, uma revolução é algo bonito que se supõe que se faz com apoio do povo, acompanhado dos artistas e os cantores, para que tudo mude para melhor.

Trata-se de uma mudança radical dentro de uma sociedade, que ocorre no contexto político, econômico, cultural e social, onde é estabelecida uma nova ordem, que é instituída pelas forças políticas e sociais vencedoras. No sentido conotativo, uma revolução pode ser o sinal de uma profunda transformação. O que chama a atenção é a carga de emoções inconscientes que vêm junto com sua realização. Surgem sentimentos de profunda expectativa e uma fé extensa com relação ao futuro.

Segundo Sousa (2017) existem corrente de orientação e compreensão marxista, para os quais uma revolução só pode ser experimentada quando todos os pontos fundamentais que sustentam o *statu quo* de uma sociedade se invertem completamente. Isto coloca um grande problema para o entendimento do que seja, de fato, uma revolução porque por mais poderosa que uma revolução possa apresentar-se ainda não é capaz de dissolver a estrutura orgânica e cultural de uma sociedade, bem como seus modos de produção, a maneira de ver as coisas e de viver. E mesmo os revolucionários sabem muito bem que tal radicalismo provocaria insatisfação ao povo, gerando zonas de conflitos desnecessários. Uma das principais artimanhas de uma revolução é fazer com que todos creiam que as coisas estejam melhores do que estavam sob a administração do governo anterior, mantendo a todos escravizados na expectativa de que ainda podem melhorar muito mais.

As revoluções políticas [*que são objeto de meu interesse neste trabalho*] são antecipadas por longas discussões grupais que infiltram membros entre a população com a finalidade de minar as bases do governo estabelecido, provocando insurreições, despertando a desconfiança ao mesmo tempo em que prometem mudanças significativas em que todos viverão em uma gloriosa harmonia, em que todos serão iguais, sem nenhuma distinção. Exige alta preparação estratégica e um grande marco de organização dialética para conseguir a adesão do maior número de pessoas em locais-chaves. Aqueles que se mostram muito resistentes são elaboradas táticas especiais a fim de convencê-los e seduzi-los; não alcançando o resultado pelos meios lícitos (*sic*) se apela para a eliminação sumária [*tudo isto em nome da revolução*].

O que atrai as pessoas para as ideias revolucionárias é a condição de participação ativa no movimento de mudança idealizado pelos agentes responsáveis pela propaganda em que suscitam sentimentos de pertencimento, de coesão social, a possibilidade de ter uma história para contar de que tenha feito e sido parte de algo muito maior que ele mesmo. As pessoas resistem em ser chamadas de *golpistas*; *no entanto*, sentem orgulho em ser chamadas de revolucionárias.

Para Karl Marx (1818 - 1883), o homem, primeiro faz a revolução depois esta transforma o homem o que abre precedentes para análises e interpretações de que em seus primeiros instantes vive sob a ordem estabelecida pela política que a antecedeu, não sendo, por tanto, isto uma estratégia, do contrário, uma norma natural para a manutenção das coisas.

## **DISCUSSÕES**

EM 1972, o psicanalista francês Jacques Lacan (1901 - 1980) disse a Rolan de Castro, um dos iniciadores do movimento revolucionário que foi chamado de *Maio 68*, que as revoluções são feitas para manter a ordem. Até mesmo nos dias atuais esta frase provoca espanto, no entanto, caracteriza-se como uma grande realidade. Ao analisar as grandes revoluções que mudaram as mais aparentes estruturas

sólidas do mundo, como a *Revolução Turca*, que tomou Bizâncio dos romanos, a *Revolução Francesa*, a *Revolução Americana*, a *Revolução Russa*, a *Revolução Cubana*, o *Maio 68* (França), *As Diretas Já* e o *Fora Collor* (Brasil, 1985 y 1992, respectivamente), todo foi realizado porque a ordem natural das coisas encontrava-se de tal modo agravado, conduzido ao estado de caos, que necessitou de um duro golpe, tão intenso, para trazer os indivíduos de volta para a realidade objetiva. A concepção que Lacan denota para as revoluções é que elas são e estão, em sua essência, sempre revestidas de profundos caracteres ideológicos.

Hegel escreveu que as revoluções nascem não do conflito entre um direito e um dever e sim do conflito entre dois direitos. Assim pensando, chega-se à dedução de que tanto quem executa a revolução e quem a ela resiste estão de plena posse de seus direitos naturais. Da mesma forma, a *Declaração Universal dos Direitos do Homem* (1948) coloca como prerrogativa o direito do homem fazer rebeliões o que culmina, não raras as vezes, em revoluções se a esta acabar sendo compelido, como fim último de manter sua dignidade e a garantia de posse e gozo de seus direitos naturais.

O que se destaca como característica sobressaliente é que “a revolução é um movimento coletivo, com imensa participação popular que visa promover profundas mudanças nos aspectos econômicos, políticos e sociais” (PINHEIROS e DANTAS, 2014, p.05). Já “o golpe é uma tentativa de substituir o detentor do poder, sem promover mudanças [*de interesse público justificado*], além de ser capitaneado essencialmente pela elite” (BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO, 1998, p.1121-1122). [Os destaques *entre colchetes* são de minha autoria].

Em ambas as ações o interesse oculto é a posse e/ou a manutenção do poder absoluto; sentimento que é mantido oculto de todos porque a ideia propagada é de que os revolucionários e/ou os golpistas como preferir chamar cada entidade em disputa são diferentes, são pessoas de carácter elevado, de moral ordinária, envolvidos com os problemas que molesta o povo.

Geralmente, como antecipação de uma revolução os agentes estrategistas começam por colocar pessoas em locais e posições estratégicas dentro da estrutura política governamental, técnica soviética muito utilizada depois da Revolução Russa

de 1917 como forma de enfraquecer governos capitalistas resistentes ao regime socialista. É chamada de insurreição sendo “conceituada como um movimento de massas que visa contrariar o poder dominante com a utilização de violência seja moral ou física. Este movimento geralmente se apresenta como antecedente para uma Revolução” (PINHEIROS e DANTAS, 2014, p.08).

Em sentido oposto um *golpe* fundamenta-se na mais legítima e estreita legalidade, o que diminui os riscos de qualquer coisa dar errado, uma vez que não vai depender de pessoas sem ligação direta com o objetivo. Não dependem do apoio das massas, um corpo unificado que repercute uma ideia por meio de uma única voz, não um tipo de escuta individualizada. Sem contar que diante do tribunal da História, haverá sempre que existir uma justificativa fundamentada juridicamente o que conduz à interpretação singular de que um golpe está sempre carregado de sentimentos egoístas, particulares, singulares mesmo, diferentemente daqueles contidos nos espíritos revolucionários, que estão estes carregados de sentimentos altruístas, ainda que sejam ideológicos; porém, diante do tribunal da História, a vontade popular é o que se foi feito soberana.

### **AFINAL, O QUE DIFERENCIA, DE FATO, UM GOLPE DE UMA REVOLUÇÃO?**

Esta é uma pergunta que tem assombrado a muitos cientistas que ficam sem saber, de fato, o que responder porque as distâncias entre elementos que compõem um e outro ato estão estreitamente vinculados, muito próximos em suas conjunturas psicológicas, subjetivamente inconscientes a cada sujeito envolvido.

Um golpe está, diretamente, vinculado a elementos burocratizados, simples, sem muita ou mesmo nenhuma ligação direta com o povo. Este, quando ocorre a mudança é pego de surpresa, ficando, por muito tempo, sem compreender o que, de facto aconteceu.

Uma revolução é algo muito complexo porque tem que contar com inúmeros elementos subjetivos, com a participação direta do povo e com o apoio do mesmo,

porque envolve uma gama muito extensa de preparativos que ocorrem, em sua maior parte [ou quase que exclusivamente] na clandestinidade.

Uma coisa interessante é que quando ocorre um movimento revolucionário, os vencedores cuidam de silenciar a oposição, em um primeiro momento, depois, cuida de elaborar uma extensa bibliografia sistematizada sempre de modo a contar as aventuras que antecederam à revolução como forma de propagar a ideia de heroísmo, independência e superação do regime opressor.

Fato contrário ocorre quando acontece um *Golpe de Estado*. Como tudo ocorre sob o império da legislação estrita, seguindo todos os protocolos formais, na cabeça dos golpistas tudo já se encontra devidamente transparente não havendo necessidade de escrever longos tratados justificando aquilo que já se considera como ordinário *per excellence*. Outro ponto é que como são homens que se consideram como justos, pautados sob os distintos princípios democráticos não eliminam seus adversários; nem mesmo cuidam de silenciá-los, deixando-os com toda liberdade para propagar a denúncia contra o golpe por meios variados.

No entanto, o que diferencia de fato um golpe de uma revolução é a condicionante psicológica que envolve cada membro direto e indireto da ação praticada. Depois da revolução surge um *pathos* que contagia a todas as pessoas como se seu entusiasmo e motivação ainda representasse elementos decisivos para que todo o processo fosse concretizado.

## REFERENCIAS

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 11ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

FERNANDES, Cláudio. O que é Revolução? *Brasil Escola*. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-revolucao.htm>. Acesso em 18 de outubro de 2017.

GASPARETTO JÚNIOR, Antônio. *Golpe de Estado*. Disponível em: <http://www.infoescola.com/politica/golpe-de-estado/>. Acesso em 18/10/2017.

PINHEIRO, João Pedro Holanda Lopes; DANTAS, Marcelo Santos. Teoria e prática do Golpe de Estado. *In: MARX 2014 - Seminário Nacional de Teoria Marxista*. Uberlândia, 12 a 15 de maio de 2014.

SOUSA, Rainer Gonçalves. O que é Revolução? *Brasil Escola*. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/historia/o-que-e-revolucao.htm>. Acesso em 18 de outubro de 2017.

SOUZA, Sérgio Rodrigues de. *Que farei da minha vida ao sair daqui?* Vitória: JRPRINT Ltda., 2017.